

# Mobilidades teóricas interamericanas

Zilá Bernd

*Resumo:* Em 1992, no coletivo *Confluences littéraires Brésil/Québec: les bases d'une comparaison* (Bernd; Peterson, Orgs.), Walter Moser falava das vantagens para o Norte (Canadá) de importar “modelos” de organização cultural do Sul (Brasil), como a antropofagia, por exemplo. Em seu artigo “L’anthropophagie du Sud au Nord”, Moser fazia o elogio das transferências culturais e dos benefícios de canibalizar certos conceitos como o da antropofagia cultural, cuja postura agressiva de devorar os modelos europeus o encantava, pois na realidade do Quebec a postura era preferencialmente defensiva (“não se deixar devorar”). A partir dessas reflexões, este artigo, que pretende render homenagem aos quase trinta anos de colaboração de Walter Moser às universidades brasileiras, mostrará como teorias do Norte também podem ser importadas pelo Sul, a exemplo das de reciclagem cultural e, posteriormente, da mobilidade cultural, desenvolvidas pelo próprio Moser. A fertilização mútua, que pode se dar através do estabelecimento de perspectivas comparadas transamericanas, será a tese do trabalho, que mostrará outros exemplos de apropriação teórica que vieram revigorar a leitura de textos americanos e o comparatismo cultural e literário interamericano.

*Résumé:* En 1992, dans le volume collectif *Confluences littéraires Brésil/Québec: les bases d'une comparaison* (Bernd; Peterson, Eds.), Walter Moser parlait des avantages pour le Nord (Canada) d'importer des “modèles” d'organisation culturelle du Sud (Brésil), l'Anthropophagie, par exemple. Dans son article “L’anthropophagie du Sud au Nord”, Moser faisait l'éloge des transferts culturels et des bénéfices de canibaliser certains concepts comme celui d'Anthropophagie culturelle dont l'action agressive de dévorer les modèles européens il trouvait fort intéressante car, dans la réalité du Québec, l'attitude intellectuelle était plutôt défensive (“ne pas se laisser dévorer”). À partir de ses réflexions, le présent article qui se veut un hommage aux presque trente ans de collaboration de Walter Moser avec les universités brésiliennes, montrera comment les théories du Nord peuvent être également importées par le Sud, comme le recyclage et la mobilité culturelle, développées par Moser lui-même. Le processus de fertilisation réciproque qui peut se réaliser à travers les perspectives comparées trans-américaines sera la thèse du présent article lequel présentera d'autres exemples d'appropriation théorique qui révigorent la lecture des textes américains ainsi que le comparatisme culturel et littéraire interaméricain.

## Liminares

A partir dos anos 1980, inicia-se a abertura no Brasil em relação ao mundo francófono das Américas. Esse interesse é despertado, em primeiro lugar, pela realização, no Rio de

Janeiro, em 1980, do Congresso Mundial da FIPF, que trouxe convidados do Quebec e do Caribe – entre outros, Édouard Glissant e René Dépestre. A partir dessa data inicia-se também o projeto *Trois Semaines au Québec*, iniciativa do Ministère des Relations Internationales du Québec, em parceria com a Université Laval. Nesse mesmo ano, fui uma dentre os mais de 60 professores de francês da América Latina a participar do estágio. Em 1991, funda-se a Abecan, com um congresso realizado em Curitiba, e posteriormente criam-se núcleos de estudos canadenses em diferentes universidades brasileiras. Todas as iniciativas citadas geraram um interesse crescente pelos estudos quebequenses e francófonos, em um primeiro momento, e canadenses (com autores de língua inglesa), logo a seguir, dando origem a um intenso e profícuo diálogo intercultural entre brasileiros e canadenses, com trocas que se caracterizaram pela bilateralidade e pela simetria (contrariamente ao que estávamos acostumados a vivenciar com os colegas da França e da Inglaterra, onde as trocas eram, quase sempre, assimétricas).

O diferencial das relações Brasil/Canadá foi o vivo interesse de intelectuais canadenses pelo Brasil e sua formação cultural mestiça. Penso sobretudo em Walter Moser, Patrick Imbert, Bernard Andrès, Maximilien Laroche, Simon Harel, Gérard Bouchard, Noël Audet, Eva Le Grand e tantos outros que buscaram compreender, na leitura de autores brasileiros, a gênese dos processos de autonomização cultural, entre eles a antropofagia e a origem da mestiçagem cultural e literária, deslocando clichês acerca da dependência cultural latino-americana em relação aos “modelos” hegemônicos.

Criou-se, portanto, uma saudável sinergia com interesses recíprocos, manifestados em um caminho de mão dupla, com participação efetiva de professores brasileiros em simpósios realizados no Canadá e vice-versa e com publicações coletivas editadas tanto no Brasil quanto no Canadá. A visibilidade da produção crítica canadense em revistas científicas brasileiras: *Canadart*, *Interfaces Brasil/Canadá*, *Artexto*, *Gragoatá*, *Revista de Literatura* da USP, *Organon* etc. tornou-se cada vez mais efetiva, bem como a presença de acadêmicos brasileiros em revistas canadenses: *Voix et Images*, *Études Littéraires*, entre outras.

Muitos são os campos dos estudos culturais onde a reflexão canadense tornou-se incontornável, como nas questões relativas: ao identitário e suas relações com o nacional e o literário; às migrações e às transferências culturais; ao multiculturalismo e, por fim, aos temas associados à reciclagem e à mobilidade cultural.

## Migrações do Sul ao Norte

### 1 – Antropofagia cultural

a) O conceito de antropofagia cultural, veiculado através do Manifesto Antropófago de 1928, talvez tenha sido o que mais atenção despertou de parte dos canadenses, que, a partir dos anos 1980, começaram a realizar o que Maximilien Laroche chamou de a “descoberta da América pelos americanos”. Walter Moser (Université d’Ottawa), em capítulo de *Confluences littéraires Brésil/Québec* (1992), foi o teórico que consagrou ao tema a reflexão mais aprofundada, com grande repercussão tanto no Canadá quanto no Brasil. Para ele, o conceito de antropofagia cultural poderia esclarecer os debates identitários, ajudar a superar as polarizações e talvez oferecer uma alternativa para o impasse criado por certas definições. Sua proposição reverte, de certa forma, uma tradição segundo a qual é sobretudo no Norte que se originam teorias que logo após são [reapropriadas em contextos ditos periféricos](#). Segundo Moser, nesse caso trata-se, ao contrário, de importar do Sul uma noção, desenvolvida por um brasileiro, Oswald de Andrade, em 1928, e que se mantém surpreendentemente atual. As provocações dos modernistas, que se autodenominavam antropófagos, poderiam contribuir para a superação de uma visão binária e redutora que faz o elogio, ainda nos dias de hoje, de uma literatura (a quebequense) que, na ânsia de querer afirmar sua identidade nacional preservada de “contaminações” vindas de fora, assume uma postura defensiva (a de não se deixar devorar), constituindo-se em postura anti-anthropofágica.

Por meio do texto de Moser, intitulado “L’Anthropophagie du Sud au Nord”, nós, brasileiros, podemos reavaliar a abrangência

e a atualidade do movimento de 1928, pois ele comporta, segundo o teórico canadense, um ensinamento de base: não há substâncias identitárias preestabelecidas. O fundamento da questão identitária é um processo de interações muito complexo: não é homogêneo, não tem propriedades metafísicas e muito menos determinação biológica (Moser, 1992, p. 151). Nesse sentido, o autor considera que o Manifesto Antropófago pode fertilizar a reflexão identitária do Norte, embora saliente o caráter potencialmente destrutivo da alteridade contido em sua proposição de base: devorar o outro e apropriar-se de suas contribuições culturais passa necessariamente por sua destruição (aniquilamento). Haveria, pois, no gesto canibal, uma tendência à abolição das diferenças. Por outro lado, a astúcia da “razão tupiniquim” reside no uso constante da ironia e da paródia, que desencadeiam um processo de desestabilização da instituição literária brasileira, que começava a levar-se muito a sério à época da redação do manifesto. A dessacralização que ela instaura questiona as certezas do “caráter nacional” brasileiro, na medida em que a Antropofagia, como bem lembra Moser, “nous empêche d’oublier les altérités mises à mort et incorporées, la pluralité hétérogène dont nous sommes nourris, le confluent d’hétérogénéités que nous sommes” (Moser, 1992, p. 150).

O professor Moser, na conclusão desse longo artigo de 40 páginas, busca responder à questão colocada pelos organizadores do coletivo: qual o estatuto do comparatismo literário Brasil/ Quebec? Em que bases pode-se praticar o que chamamos de “relações literárias interamericanas”? Quais seriam as vantagens e os perigos de transpor, do Sul ao Norte, a figura da ferocidade antropofágica? Preocupa-se o autor com o uso descontextualizado e com a “ferocidade” da figura, *dérangante* no contexto quebequense, onde ela adquire conotações negativas. A saída é destacar seu caráter de provocação e de ironia.

Se toda comparação é a abertura de um espaço da diferença que favorece o processo do conhecimento, Moser é a favor da aplicação da figura antropofágica, elaborada no contexto brasileiro, ao contexto da pós-modernidade quebequense, apontando sua relevância na abordagem de temas fulcrais para o

Quebec, tais como “a função da cultura no estabelecimento de um estado-nação, o problema da identidade étnica e cultural, o debate político sobre a ‘société distincte’, debate entre cultura do homem branco e cultura dos autóctones” (1992, p. 151).

b) Outro pesquisador naturalmente vocacionado para as mobilidades culturais é Maximilien Laroche (Université Laval), haitiano de nascimento que emigrou para o Canadá há mais de trinta anos. Laroche mostrou-se sempre interessado pelo processo de autonomização cultural brasileiro, como manancial de inspiração teórica. Após várias visitas ao Brasil, passou a interessar-se particularmente pela figura antropofágica, valorizando seu caráter subversor, que inverte, simbolicamente de negativo em positivo, o mito do selvagem canibal propagado pelos europeus, fazendo desse mito “uma arma, uma ferramenta e finalmente uma virtude” (Laroche, 1989, p. 15). Interessado no comparatismo interamericano (Quebec/Haiti/Brasil), Laroche ressalta o caráter do conceito que pode ser aplicado a todos os domínios da luta cultural dos americanos contra os europeus. Para o teórico, o valor agregado do conceito de antropofagia em relação ao de negritude é que esta ficou limitada a uma questão étnica (o negro), enquanto a antropofagia cultural ultrapassa tal limite, rompendo com o binarismo branco/negro, para propor a todos os americanos de qualquer etnia a valorização de um ritual de devoração preexistente à chegada dos conquistadores. Laroche lembra, contudo, que não se pode viver indefinidamente em função de modelos estrangeiros, seja para perpetuá-los, seja para devorá-los.

O trabalho de comparatista de Laroche iluminou leituras de obras de autores brasileiros, tais como Mario de Andrade (*Macunaíma*) e João Ubaldo Ribeiro (*Viva o povo brasileiro*), comparando também a emergência e a iconoclastia modernistas brasileiras com a revolução estética contida na *Revue Indigène*, publicada no Haiti no mesmo ano do Manifesto Antropófago e propondo também a revalorização do patrimônio cultural autóctone (africano e indígena) em detrimento da reprodução mimética da cultura francesa.

c) Simon Harel (UQAM), cujo trabalho teórico é centrado nas passagens transculturais, na migrância e na mobilidade

literárias no Quebec, refletiu sobre a antropofagia em texto também incluído no volume coletivo *Confluences littéraires Brésil/Québec: les bases d'une comparaison* (1992). Atacando o conceito pelo viés psicanalítico, Harel o aplica na análise de um romance quebequense, *Ma vie, ma folie*, de Julien Bigras (1983), e de um romance brasileiro, *Viva o povo brasileiro* (1984, tradução para o francês de 1989). De acordo com o autor, enquanto João Ubaldo Ribeiro faz do canibalismo o elemento fundador da história brasileira (antropofagia vivida ao modo da incorporação), no romance de Bigras a indianidade e a mestiçagem são submetidas à incorporação produzida por um monstro noturno maternal que enfeitizará o narrador, tratando-se de uma incorporação devastadora.

É interessante observar que o fato antropofágico, sendo utilizado pelo crítico para a análise comparativa de dois romances americanos, possibilita-lhe tirar conclusões sobre as diferenças do fenômeno da mestiçagem nas Américas. Na análise de *Viva o povo*, a mestiçagem significa “a realização metafórica de um canibalismo que supõe uma incorporação bem-sucedida da alteridade do sujeito devorado. [...] Note-se o caráter ilusório e utópico da antropofagia cultural, que pretende assimilar o outro em nome de uma violência a qual é representada pela mestiçagem” (Harel, 1992, p. 162). A figura do índio representaria em João Ubaldo o “canibal melancólico”, que devora o semelhante para melhor guardá-lo, atividade que coloca a questão da origem da comunidade.

No romance do autor quebequense, o procedimento é outro: não haveria essa incorporação que permitira a encenação do fantasma da origem em que o índio, pela prática antropofágica, revela o sentido da mestiçagem. No romance *Ma vie, ma folie*, a “indianidade” (identidade indígena) adquire a forma de um fantasma que vem assombrar a genealogia oficial da sociedade quebequense. Haveria, na sociedade brasileira, ingestão (e digestão) do índio, enquanto a sociedade quebequense não digere o índio, pois este é pensado enquanto alteridade radical que escapa a toda categorização.

## 2 – Transculturização

Através do uso do conceito de transculturização – que foi pela primeira vez **estabelecido** na América Latina por Fernando Ortiz –, leva-se para o Norte (Canadá) um conceito formulado no Sul (Cuba), dando origem a um neologismo em francês, no qual “transculturização” ainda não é palavra dicionarizada. Embora venha sendo utilizada nos últimos anos, usa-se mais frequentemente a denominação de “*transferts culturels*”. A perspectiva transcultural, ao estabelecer um diálogo entre as comunidades culturais, inaugura caminhos de reciprocidade nas relações culturais, garantindo-se com isso a fertilidade das trocas. A noção de transcultura foi relançada no Quebec, sobretudo entre os anos de 1983 e 1996, pelo grupo que animou a revista trilingüe (francês, inglês e italiano) *Vice Versa*. Desenvolvido pelos escritores migrantes italianos radicados em Montreal Lamberto Tassinari, Fulvio Caccia e Antonio d’Alfonso, o termo “transcultural” tem relação com outras noções que também circularam em *Vice Versa* como hibridação cultural, *hors lieu* e mestiçagem. Para tais autores, *trans* (de *transculture*) “revela-se particularmente rico de conotações; remete à translação, à transgressão, à transição, ao que é lateral e tangencial” (Dion, in Bernd, 2003). O prefixo *trans*, que comporta as noções de ultrapassagem, de ir além, de sair de si mesmo, engendrando novas formas de conhecimento e de relação com o mundo, é pois mais performante, no inevitável contexto de globalização em que vivemos, do que “intercultural” e “multicultural”. É, portanto, impulsionados pela transculturização e pelos constantes deslocamentos e travestimentos por que passou esse conceito, desde sua utilização primeira em 1940 até os dias de hoje, que podemos refletir sobre autores do Canadá, do Caribe e da América Latina, procurando, em última análise, retrazar a caminhada, ainda inacabada, dos autores das três Américas em busca de sua definição identitária, de sua relação com a América e de sua pertença – ou não – a uma identidade mais ampla e abrangente que chamamos de americanidade.

Walter Moser utiliza o conceito em interessantíssimo artigo intitulado “*Transferts d’obélisques*”, situando a noção de

transferência no Egito antigo, quando os obeliscos eram transferidos de Assuan para outras cidades egípcias, e acompanha as diferentes transferências efetuadas pelos conquistadores que os levaram para Paris, Roma e Londres. Salienta a diferença entre transferência material (elementos transferidos conservam sua forma) e conceitual, citando a escultura de Barnett Newman de 1963, *Broken obelisk*. Nesse caso, o “modelo” é trazido para a América, onde será esculpido em ferro e não em granito, e a forma é invertida e cortada. Ocorrem aqui transformações conceituais importantes relativas ao conceito veiculado pela idéia de obelisco: o artista enfrenta a questão do monumentalismo fálico, diminuindo as dimensões, partindo-o e revertendo sua posição, fazendo uma montagem com dois fragmentos de obelisco e subvertendo sua simbologia associada a vitórias e conquistas.

## As migrações do Norte para o Sul

### 1 – Reciclagem

O conceito de reciclagem cultural desenvolvido em *Recyclages: économies de l'appropriation culturelle* (organizado por Moser e colegas do Departamento de Literatura Comparada da Université de Montréal, em 1996) teve grande repercussão no Brasil. Walter Moser tenta nessa obra dar maior precisão à definição de reciclagem, que engloba, em geral, um conjunto heteróclito de termos tais como: reutilização, reescritura, reinvenção, *revamping*, *remake*, *revival*, etc. (1996, p. 35). Nesse sentido, o autor elenca quatro fatores principais para que se possa compreender o sentido do conceito: 1. Co-modificação dos objetos e produtos culturais, o que equivale a dizer que certos objetos artísticos perdem seu valor de troca quando entram no circuito comercial, ou seja, haveria uma transformação do valor artístico em valor comercial; 2. Reprodução industrial dos objetos de arte; 3. Tecnologização dos meios de reprodução (máquinas de fotocópia, tratamento eletrônico de textos, manipulação eletrônica de imagens, etc.) 4. Mundialização no contexto pós-colonial. Moser, ao conceituar o termo, reconhece a



possibilidade de comparação com a reciclagem técnica de materiais, que implica destruir (fragmentar, esmagar) os objetos oriundos de um primeiro processo de produção, havendo uma negação de seu estatuto de objeto e apagamento de sua identidade primeira, bem como os vestígios de sua pertença histórica.

Contudo, ressalva o autor, essa matéria-prima reciclada (resultante de tal processo de destruição e apagamento) não equivale à matéria-prima original, pois que comporta impurezas, sendo de menor qualidade. As especificidades “citacional” e “canibal” da reciclagem não devem nos levar a crer que não haveria cultura sem retomada de materiais já utilizados. O tema é complexo e não pode ser entendido fora do processo histórico de cada cultura. O trabalho reciclante leva os autores ao mesmo tempo a um processo de identificação e de distanciamento crítico em relação aos materiais reproduzidos ou retrabalhados. Os estudos detalhados de Walter Moser a respeito do conceito de reciclagem cultural permitem aos demais teóricos que participam do coletivo (inclusive Néstor Garcia Canclini) não só a discussão do conceito, mas também a sua ilustração por meio de exemplos tirados de várias literaturas das Américas. Para os comparatistas que somos, essa reflexão é fecunda, pois nos leva a repensar o sintagma reciclagem cultural como “metáfora epistêmica que pode nos ajudar a pensar uma dominante cada vez mais em evidência em nossas práticas culturais, instalando-nos em uma encruzilhada interdiscursiva que faz parte dessas práticas” (Moser, 1996, p. 48).

## 2 – Literaturas migrantes

A denominação “literaturas migrantes” surge no Quebec em contraposição à expressão “littérature néo-québécoise”, que começava a ser usada, por volta dos anos 1980, em referência a uma literatura produzida no Quebec, em língua francesa, mas que não era feita por escritores quebequenses *de souche* (*pure laine*), mas por imigrantes que haviam optado por residir no Quebec. As passagens transculturais necessariamente inscritas nessas obras, o trânsito entre geografias (normalmente a do país de origem do autor e a do país de chegada), o entrecruzamento

de imaginários e de memórias estrangeiros caracterizam essa literatura que começou a fazer grande sucesso no Quebec, em particular, e no Canadá de modo geral, por trazer à baila, entre outros aspectos fulcrais para os processos de afirmação identitária no Quebec, o da alteridade.

Pierre Nepveu, em *L'écologie du réel* (1988), dedica um capítulo ao tema das literaturas migrantes ou imigrantes (p. 198). Em nota de pé de página ele explica a nova terminologia, afirmando que o primeiro a utilizá-la foi Robert Berrouet-Oriol (*Vice Versa*, jan. 1987, p. 20-21), que a empregou para analisar uma obra de um autor de origem haitiana radicado em Montreal. Diante da hesitação encontrada em Berrouet-Oriol entre migrante e imigrante, Nepveu afirma preferir “migrante”, já que imigrante parece-lhe restritiva, acentuando a experiência e a realidade da imigração, da chegada ao país e sua difícil habitação, “enquanto migrante insiste sobretudo no movimento, na deriva, nos múltiplos cruzamentos suscitados pela experiência do exílio. Imigrante é palavra usada no âmbito sociocultural, enquanto migrante tem a vantagem de apontar para uma prática estética, dimensão evidentemente fundamental para a literatura atual” (Nepveu, 1988, p. 233-234).

Simon Harel dedicou inúmeros artigos e mesmo projetos de pesquisa ao estudo da enorme contribuição que essa literatura dita migrante deu no sentido de renovação da literatura do Quebec que se abriu ao outro, numa perspectiva de questionamento e relação, abalando a literatura quebequense propriamente dita, que se fechava em um só espaço (o Quebec), em um tempo passado, o da memória e da tradição, e em uma só voz, a do “nous autres québécois”. [Fecundada](#) pela heterogeneidade das literaturas migrantes, a literatura do Quebec se renova, abrindo-se por sua vez para o diverso. Em *Passages obligés de l'écriture migrante* (2005), Harel se propõe fazer o balanço do que ele chama “des années migrantes” da literatura quebequense, analisando a obra de autores como Régine Robin, Naïm Kattan, Antonio d'Alfonso e Émile Ollivier e revendo estereótipos sobre errância e exílio. Nessa obra o autor leva a reflexão sobre a literatura migrante a patamares mais amplos, tais como os fenômenos de habitabilidade e de localização, negligenciados anteriormente.

## Perspectivas comparadas transamericanas

De que modo os conceitos aqui evocados – reciclagem e migrância – podem contribuir para nossa reflexão de comparatistas, falando a partir de um lugar de enunciação que é a América Latina? Penso que, no que diz respeito ao comparatismo interamericano (Brasil/Quebec/Antilhas), ou seja, na análise de percursos literários escritos em língua portuguesa e francesa, essas noções tiveram grande impacto, abrindo uma nova via de interlocução. Levaram-nos a refletir sobre a relatividade das etiquetas tais como a de literatura nacional, sobre os conceitos de identidade rizomática, de alteridade, de heterogeneidade, de passagens transculturais e de hibridação, revistos a partir de uma ótica americana francófona e lusófona. Quando há [cerca de 16](#) anos, em *Confluences littéraires Brésil/Québec* (1992), nos interrogávamos sobre a possibilidade e o estatuto de um comparatismo cultural e literário interamericano, baseávamo-nos em uma intuição de que a aproximação entre as duas culturas era viável. Hoje podemos constatar, através de nossas publicações em livros e revistas da Abecan, em teses defendidas em diferentes universidades brasileiras e em textos apresentados em nossos congressos nacionais, que a interlocução Norte/Sul é efetivamente praticada, que a mobilidade conceitual fertilizou nossas reflexões e, acima de tudo, nos permitiu relativizar o impacto de teorias européias hegemônicas. Praticamos um saudável descentramento no comparatismo tradicional, avaliando melhor visões do mundo e da literatura que nos eram desconhecidas, o que nos permitiu [esgarçar](#) os horizontes da teoria e da crítica literárias brasileiras. Nossa leitura da mobilidade teórica interamericana pretendeu mostrar que o trânsito Brasil/Canadá pode resultar em processos [fecundos](#). As migrações teóricas – do Norte ao Sul e do Sul ao Norte –, que acabamos de apontar, criam vias de acesso mais efetivas aos textos literários, sendo imprescindíveis quando se trata de praticar o comparatismo literário inter ou transamericano. Tentou-se flagrar, [neste breve texto](#), “o papel do intelectual integrado à dinâmica cultural do trânsito, da passagem, da

conexão, do encontro e da tensão”<sup>1</sup>.

Esses trânsitos do Norte ao Sul e do Sul ao Norte de nossas Américas comprovam a transformação de identidades enraizadas e destinadas à solidão e ao ensimesmamento, em imagens plurais de si, em abertura para o diverso. Tentou-se mostrar aqui táticas de mobilidade cultural como manifestação de insurgência e transgressão a imposições disciplinares que estabelecem fronteiras que não podem ser ultrapassadas. A mobilidade como tática de insubmissão se contrapõe às determinações do poder e da norma que são fixas e imutáveis.

## Referências

ANDRÈS, B.; BERND, Z. (Eds.). *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Québec: Nota Bene, 1999.

IMBERT, P. *Trajectoires culturelles transméricaines: médias, publicité, littérature et mondialisation*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2004.

LAROCHE, M. *Dialectique de l'Américanisation*. Québec: Univ. Laval/Grelca, 1993. (Coll. Essais, n. 10).

\_\_\_\_\_. *La découverte de l'Amérique par les Américains*. Québec: Univ. Laval/Grelca, 1989. (Coll. Esais, n. 6).

MOSER, W.; DIONNE, C.; MARINIELLO, S. (Eds.). *Recyclages: économies de l'appropriation culturelle*. Montréal: Balzac, 1996. (Col. L'Univers des discours).

MOSER, W. L'anthropophagie du Sud au Nord. In: PETERSON, M.; BERND, Z. (Orgs.). *Confluences littéraires Brésil-Québec: les bases d'une comparaison*. Montréal: Balzac, 1992. p. 113-152 (Coll. L'Univers des discours).

\_\_\_\_\_. Transferts d'obélisques. Em: <[www.sciencessociales.uottawa.ca/transferts/eng/conf.asp](http://www.sciencessociales.uottawa.ca/transferts/eng/conf.asp)>. Acesso em: 21 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. *Du cinéma et des restes urbains*. Doc. de recherche. Montréal: Dép. de littérature comparée, Université de Montréal. [Mimeo.].

<sup>1</sup> Excerto da chamada do Colóquio Mobilidades Culturais: Brasil/Canadá: agentes e processos, realizado em Belo Horizonte de 6 a 8 de agosto de 2007, organizado por Sandra R.G. de Almeida, Maria Zilda Cury e Ivete C. Walty.

\_\_\_\_\_. *Ressurgimentos teóricos*. Traduzido do francês por Maria José R. F. Coracini. [Mimeo.].

\_\_\_\_\_. *O estudo do não contemporâneo: historiofagia e historiografia*. Traduzido do francês por Vivian Morello e Alena Ciulla, sob a supervisão de Zilá Bernd. Cadernos do Instituto de Letras, UFRGS, 1990.

NEPVEU, P. Écritures migrantes. In: \_\_\_\_\_. *L'écologie du réel*. Montréal: Boréal, 1988. p. 197-210.

